

A crise do corpo na sociedade contemporânea: uma reflexão à luz da filosofia e da bioética[#]

The crisis of the body in contemporary society: a philosophy and bioethics reflection

Clóvis Paes Marques*

RESUMO: No enfrentamento da crise de conduta para com a vida, configurada pelo avanço tecnocientífico e pelos hábitos relacionados a comportamentos sociais, um elemento central se apresenta como ícone privilegiado desse debate: a matéria da qual o homem é constituído, o seu corpo. Estando os valores em permanente transformação e ressignificação, o comportamento que o homem dirige ao seu corpo favorece sua redução à mera dimensão material. Todavia, o homem é muito mais do que determinam seus limites geográficos ou os valores que queira dar às partes do seu corpo. Questões de natureza ética e bioética se impõem na compreensão dos valores relacionados com o uso de novas tecnologias e novos costumes direcionados à satisfação da relação do homem com o seu corpo. Em busca de reflexão, o presente estudo procedeu a uma contextualização da questão “corpo”, buscando os sentidos e significados de suas representações no universo da cultura, notadamente moderna e contemporânea. Estabeleceu-se como caminho de investigação a perspectiva teórico-metodológica da filosofia e da bioética. Para haver liberdade e autonomia nas escolhas que se faz com o corpo, é necessária a consciência dos valores vigentes e dos aspectos éticos e sociais que permeiam a questão da corporeidade.

PALAVRAS-CHAVE: Bioética. Filosofia. Corpo Humano.

ABSTRACT: In confronting the crisis of conduct toward life, set by the advance of technoscience and habits related to social behaviors, a central element is presented as a privileged icon of this debate: the matter from which man is made, our body. Because values are constantly changing and reframing, the attitude man has to his body favors its reduction to a mere material dimension. However, man is much more than a being determined by geographical boundaries or values he may want to give to parts of his body. Questions of ethics and bioethics are necessary in understanding the values related to the use of new technologies and new customs directed to satisfaction of man's relationship with his body. In search of reflection, this study presents a contextualization of what we mean by “body”, seeking the meanings of its representation in the world of culture, especially modern and contemporary. It was established as a way for researching the theoretical and methodological perspective of philosophy and bioethics. To have freedom and autonomy in the choices we make with our bodies, it is necessary to be conscious of the prevailing values and ethical and social aspects that permeate the issue of corporeality.

KEYWORDS: Bioethics. Philosophy. Human Body.

INTRODUÇÃO

Ao se “enquadrar” em padrões estéticos vigentes para satisfazer sua necessidade de inclusão, pertencimento e aceitação, o homem deixa-se seduzir pela oferta da bioengenharia, que promete corpos de “deuses”: está o homem reduzido à forma. Ao procurar e receber um tratamento especializado que não vê, nem entende a sua totalidade, o homem entrega a outro a responsabilidade sobre seus processos clínicos: está o homem reduzido a uma parte do seu corpo.

Na cultura ocidental contemporânea, o corpo humano foi “reduzido” a objeto e matéria-prima, com seu valor técnico e mercantil, sobrepujando, em muitos contextos, o seu valor moral. Decomposto em peças e em partes, o corpo humano torna-se uma potência mecânica, um objeto, em que se exerce uma relação de posse e poder; o corpo se torna um servo do próprio homem.

A questão ética que se impõe sobre o tema corpo / objeto é: como tratar de temas como aborto, sexualidade, contracepção, transplante de órgãos, clonagem, início e fim da vida, etc., se o ser humano reduz sua corporeidade a um objeto no qual exerce manipulação e controle?

A ciência, como consequência da hiperespecialização, “(...) perde a consciência de si mesma e, cega diante da própria marcha”, perde a referência ética de seus atos, métodos e técnicas. As questões “do que fazer, com quem, a quem, com quais meios, com que objetivos” devem ser levantadas para o balizamento ético das ações do homem¹.

Em um momento histórico de “empolgação” com o corpo e a corporeidade, a oferta tecnológica, com oportunismo, se oferece para satisfazer “(...) os desejos da subjetividade e da valorização do prazer: no cultivo do corpo, nos avanços biotecnológicos que prometem a potencialização da vida corpórea”².

[#] Esse artigo foi extraído da dissertação de mestrado: Marques CP. Uma reflexão sobre corporeidade e sua relação com a bioética. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; 2012. Orientador: Prof. Franklin Leopoldo e Silva.

* Graduado em Fisioterapia e Educação Física. Mestre em Bioética pelo Centro Universitário São Camilo. Especialista em Psicodrama pelo convênio COGEAE/PUC-SP, São Paulo-SP, Brasil. Docente do Centro Universitário São Camilo, São Paulo-SP, Brasil. E-mail: clovis.paes@uol.com.br

O autor declara não haver conflito de interesses.

Porém, na visão de Anjos², na relação do homem com o seu corpo, não só poderes são exercidos, mas limites e fragilidades também são encontrados. Para ele, “(...) corporeidade significa vulnerabilidade”.

Sendo sempre vulnerável³, o ser humano “está” exposto a uma particular condição na sociedade contemporânea: os valores envolvidos nas escolhas que se faz diante das opções que se têm sobre o corpo podem afetar sua saúde e seu destino.

Os novos paradigmas científicos, o processo de laicização dos elementos sagrados do cotidiano e distorção de valores relacionados ao comportamento social são questões éticas relacionadas a esse “estado de vulnerabilidade”.

Tido como objeto de consumo, o corpo humano merece receber atenção para a compreensão de seus mecanismos de controle social. É necessário, portanto, entender o comportamento, o tratamento, os significados e os valores que a questão “corpo” suscita, evitando o discurso fragmentário e parcial, típico da sociedade contemporânea, com uma visão que englobe todas as representações, repertórios ou sistemas simbólicos, para conferir contorno e sentido, tornando compreensíveis seus fenômenos⁴.

A bioética, enquanto área de conhecimento, se apresenta como *locus* onde esse debate é possível, pois possui como características: o campo de atuação (ciências da vida, da saúde e do meio ambiente), a qualidade pluralista e participativa de todos os atores e agentes da sociedade, as interfaces (interação entre as áreas), o consequencialismo (opções de valores geram consequências), e requisitos, como: liberdade para fazer a opção de valores e o não preconceito (pré-concepções de natureza não reflexiva sobre valores)⁵.

O objetivo deste artigo é contextualizar a questão “corpo”, por via do referencial teórico da filosofia e da bioética, com considerações gerais e abrangentes, tendo por finalidade situar o corpo no universo da cultura, notadamente moderna e contemporânea, discutindo os valores envolvidos nas escolhas sobre a corporeidade.

MÉTODOS

Optou-se pela revisão bibliográfica de conteúdos relacionados ao tema, na perspectiva teórico-metodológica da filosofia e da bioética. A consulta em material de referência ocorreu no período de janeiro de 2010 a julho de 2011; o período das publicações é de 1971 a 2011. Foram consultados textos de livros, artigos e dissertações

de mestrado, do universo da bioética, da filosofia e do psicodrama, que tivessem relevância para o tema em questão; utilizou-se também a internet, por meio de sites com conteúdos sobre o tema, bem como as bibliotecas virtuais BIREME e LILACS.

REFERENCIAL TEÓRICO

Corpo: definições

As definições, qualificações e adjetivações que o significativo “corpo” recebe e que ajudam na sua compreensão são múltiplas: “ponto indivisível onde se opera a análise e a síntese do mundo”, “universo humano”, “centro do universo”, “realidade física, matéria”, “mediador entre o meu eu e o mundo das coisas”, “vetor semântico”, “eixo da relação com o mundo”, “produtor de sentidos contínuos”, “emissor e receptor”, “construção simbólica”, “condensado do cosmos”, “ficção culturalmente eficiente e viva”, “mediador privilegiado”, “pivô da existência humana”, “efeito de uma elaboração social e cultural”, “limite, fronteira, fator de individualização”, “extensão e aparência do homem”, “organização biológica subjacente ao comportamento”, “referente último do próprio comportamento”^{4,6,7}.

Para Naffah⁸, o corpo traz consigo “o drama de existir” e está sempre “mascarado, mecanizado e alienado através da forma de um papel”. É o fundamento existencial no que se apoia a missão do homem de “ser-no-mundo”: “(...) espaço que faz-se interioridade para realizar o encontro, a troca, a comunhão de corpos, na dialética do reconhecimento de si e do outro”.

Na teoria cognitiva de Piaget, o corpo é concebido a partir de constructos simbólicos (relação consciente entre significantes e significados) e operativos (derivado da inteligência sensório-motora). Ele divide o desenvolvimento cognitivo da criança em períodos operacionais, onde, integrado ao próximo e em situação de equilíbrio, cada período terá um nível de complexidade maior do que o antecedente. Com a ajuda de Piaget, é possível compreender o corpo enquanto instrumento de interação simbólica e operativa com os objetos, com o mundo e consigo⁹.

A visão científica, marcada pelo método cartesiano, concebe corpo como coisa, máquina, com engrenagens, sistemas fisiológicos, sujeito à manutenção, defeitos e quebras. Tal ponto de vista estabelece o paradigma científico das especialidades e consolida a visão do corpo como objeto.

Esse corpo, visto como objeto pela ciência e ao qual são atribuídas possibilidades de controle e manipulação pela sociedade, marca a existência de cada um: o corpo é necessariamente visto como algo separado do mundo, dos outros e de si mesmo e só tem significação se for “diferente do homem”⁴.

Fragmentação e vulnerabilidade

O homem, reconhecendo o corpo como um outro, um estranho, pode estar vulnerável e sujeito ao poder de outrem ou do próprio sujeito, que lhe impõe sua ação, boa ou má.

A fragmentação do sujeito, imposta pela ciência, legitimada pela multidisciplinaridade segundo a qual o corpo é entendido, pode transformar o sujeito em uma “colcha de retalhos”, dificultando a compreensão e confundindo-o em relação a “que caminho seguir”, na construção de uma vida com qualidade e dignidade⁴.

A sociedade contemporânea acompanha essa fragmentação, com a perda da noção do todo, em vários setores da sociedade: na prática da medicina, no paternalismo da relação médico-paciente, na categorização do homem em áreas, tecidos e doenças; na pesquisa clínica, com a hiperespecialização da ciência; na saúde pública, com a procura obsessiva pelas clínicas de especialidade antes da atenção básica, provocando excesso de gastos com exames desnecessários; na preocupação que se dá à aparência do corpo ou aos aspectos particulares de cada parte.

O homem pode estar preso a condicionamentos e condicionantes sociais que o levam à adoção de hábitos e costumes, muitas vezes para satisfazer a necessidade de pertencimento, inclusão e aceitação, relativas à própria questão da sobrevivência em sociedade. Ele pode estar imerso em uma trama social, que o conduz a um tratamento de si, pelo referente corpo, cada vez mais coletivamente comprometido com valores pouco saudáveis.

A “caixa” (corpo) e o que se vê dela (ou a partir dela) são determinadas por valores e códigos de conduta impostos culturalmente; as ações, a pesquisa e a economia se rendem ao apelo materialista e estético da aparência. O corpo considerado mais belo é aquele que arrasta consigo uma imagem veiculada na mídia¹⁰.

Com oportunismo e aproveitando-se dessa fragmentação, interpõem-se à relação que a pessoa tem com o seu corpo as promessas da sociedade: de beleza, de mudança, de aceitação e prestígio; medicamentos

são comercializados, cirurgias plásticas corretivas são contratadas, sistemas e programas de estética e beleza – muitos com técnicas invasivas – são vendidos; o “outro” é quem diz o que se deve fazer para se sentir bem, para “melhorar”. O padrão estético vigente determina como o corpo deve “ser” e o que deve “ter”; a preocupação com a aparência física prevalece sobre as questões de saúde.

Como consequência dessa influência social, a que Malysse¹⁰ denomina de “corpolaria”, cria-se a condição do “tenho um corpo que não desejo”, trazendo consigo um sentimento angustiante de insatisfação e infelicidade com o corpo, que pode estar relacionado com as doenças relacionadas à autoimagem e à autoaceitação (anorexia, vigorexia, etc.).

Na busca pelo modelo corporal ideal do homem contemporâneo, o homem vulnerabiliza-se e torna-se refém da padronização da oferta cosmetológica, que “deve” refletir / produzir corpos de deuses e heróis, na busca de uma espécie de “corpo original”. Na tentativa de se aproximar dos “deuses”, de encontrar a unidade homem / divino, corpo / alma, o homem se esvazia dos referenciais / valores simbólicos / divinos e se aproxima da perda da própria identidade e, como consequência dessa crise, adoece. Pode estar aí o paradoxo que caracteriza um dos dilemas éticos da sociedade contemporânea: o homem busca consolo para suas angústias nos modelos estéticos “de deuses”, mas possui um corpo domesticável e vulnerável. O homem, afastado de seus referenciais divinos, pode estar condenado a crônicas enfermidades físicas e metafísicas¹¹.

Outros aspectos éticos relacionados à corporeidade

Ao longo dos séculos, estudos sobre a corporeidade consagraram dois aspectos da dimensão corpórea humana: a realidade física, objetiva, “que se descobre em uma estrutura coisal”; e uma realidade subjetiva “do vivido, em constante operação com o mundo”, determinando duas correntes de pensamento, uma científica e outra fenomenológica. Com a contribuição da filosofia e da ciência, o homem se fragmentou: separou-se o espírito do corpo, o corpo da mente, o biológico do social. Imerso em sua própria parcialidade, o homem, então, separa a parte do todo para compreender e encontrar o conhecimento⁶.

Na lógica social e cultural, em que “o homem é produto do corpo”, modelado conforme os hábitos culturais⁴, questões de natureza ética se impõem: a tendência

à adoção de estereótipos pode facilmente induzir à xenofobia e ao racismo, colaborar com o argumento eugênico que seleciona o homem a partir de características físicas e influenciar as escolhas relacionadas à clonagem humana, podendo criar bolsões sociais onde o pertencimento está sujeito a critérios de valores baseados no tipo físico. Sem referenciais éticos e espirituais, o comportamento do homem frente aos padrões estéticos vigentes, oportunizados por uma visão de si difusa e parcial, associada à compulsão pelo que novas tecnologias podem oferecer, podem, ao invés de promover saúde, promover distorções existenciais e, conseqüentemente, doenças. Como exemplo, pode-se citar a procura por cirurgias plásticas, a automedicação, o consumo de implementos e suplementos alimentares sem acompanhamento e o uso de anabolizantes.

Na sociedade ocidental, o corpo é uma marca, um estigma: determinada característica física de uma raça é o pretexto para a forma como Breton⁴ vê o racismo: um “clone gigantesco”, um imaginário coletivo que faz um “eco incansavelmente repetido, onde a história pessoal, a cultura e a diferença são neutralizadas, em prol do imaginado corpo coletivo, subsumido sob o nome de raça”.

Já a “aparência” física (que engloba a maneira de se vestir, corte de cabelo, cuidado com o corpo, etc.) é provisória e responde aos ditames da moda vigente, em que os estereótipos se fixam com predileção sobre as aparências físicas e as transformam naturalmente em estigmas, em marcas fatais de imperfeição moral ou de pertencimento de raça⁴.

Relacionado a isso, um estigma paira sobre o portador de deficiência física: tratado como se fosse um deficiente, e não como portador de uma deficiência, o sujeito parece estar sempre sendo alvo de observações e comentários. O acordo que se firma entre o “inválido” e o “válido” é o “fingir que a alteração orgânica ou sensorial não cria nenhuma diferença, nenhum obstáculo”⁴.

Com o advento da internet, novos paradigmas se impuseram nas relações humanas. Encurtaram-se as distâncias, o mundo se globalizou, o corpo, entendido como o meio (físico) no qual se estabelece os vínculos afetivos, perde espaço para o ciberespaço; as relações virtualizam-se, o toque físico é substituído pela imagem – virtual, mas tolerada – de um outro que está distante.

Exercem-se as relações por meio de palavras tecladas, enviadas e recebidas, em um *continuum* eletrônico incessante. Os valores vigentes nas redes sociais se referem ao “conhecer pessoas do mundo todo”, “manter-se

constantemente atualizado sobre o movimento do outro ou atualizar o outro sobre o meu próprio movimento”, “exposição do meu eu virtual para todo mundo me conhecer”. Não se conhece mais pelo corpo físico, mas pelo que a pessoa “propaga” de si, que pode ser qualquer coisa, já que não existe um corpo para dar a noção do que é verdadeiro e real.

Para aqueles que não conseguem acompanhar as “exigências físicas” da sociedade, a internet acaba sendo um refúgio seguro, onde a pessoa não se expõe, se mantém protegida e pode ser o que quiser, quando quiser, para quem quiser, de quantas formas quiser.

Corporeidade e espiritualidade

O homem é muito mais do que determina os limites geográficos de seu corpo. Saindo de si mesmo na direção do mundo, o homem transcende a dimensão da somaticidade e mostra sua vocação à universalidade¹¹.

Na visão de Miranda¹¹, o corpo, ou suas partes, de acordo com a tradição judaico-cristã, é revestido de significados que, por si só, são capazes de explicar todo o comportamento, conduta e desenvolvimento que o homem obteve ou construiu através dos séculos: “(...) As mãos representam, na tradição judaico-cristã, conhecimento e poder, evocam o braço e autoridade” e “(...) falam de um conhecer material que também é amar”.

Na dimensão do sagrado, o corpo possui formas, internas e externas, e cada parte, cada órgão, possui significados, feito à imagem e semelhança de Deus¹¹.

Gracia¹² afirma que estamos em uma nova situação, inédita na história da humanidade. “(...) Tanto a religião quanto a metafísica passaram por profundíssimas mudanças, que não podem deixar de repercutir em tudo e, portanto, também na ética”. Como praticar ética em uma nova situação e com essas novas categorias (saberes não religiosos, moral, ética, política) “secularizadas”, ou seja, emancipadas do controle de religiosos e teólogos?

O homem contemporâneo, dicotomizado e ambivalente, empenhado na busca pelos cuidados hedonistas de um corpo idealizado, modelado por valores cosméticos, associado à tecnologia que se subverte a esse serviço, na medida em que interesses estéticos prevalecem sobre interesses pela saúde, anarquiza o corpo e seus significados, subvertendo o conteúdo, o simbólico, o sagrado^{10,11}.

Distanciado do divino, dos significados e dos arquétipos, o homem se angustia, com o afastamento de Deus

e com as possíveis respostas e balizamentos morais que existem nessa relação¹¹.

Entender o corpo como um porta-voz de uma verdade inconsciente que busca revelação é resgatar a consciência espiritual da busca por significados de “ser-no-mundo”. A comunidade e as relações estabelecidas pelo sujeito constituem não só o sustentáculo e a continência para o desenvolvimento de sua espiritualidade, mas também de determinantes no binômio saúde / doença^{2,13}.

Maltratar o corpo, com práticas nocivas, como o fumo, álcool, na adoção de hábitos não saudáveis, sugere uma profanação de um território sagrado, que deve ser cuidado, cultivado e protegido: o corpo do homem.

DISCUSSÃO

A manipulação do corpo de forma indiscriminada, como está sendo praticada na sociedade ocidental, tem, como *locus nascendi*, o que Merleau-Ponty denomina de “ideia de liberdade”, segundo a qual: “(...) O homem torna-se senhor de seu corpo, o que só é possível a partir de uma separação entre o sujeito e seu corpo”¹⁴.

Estabelece-se, portanto, uma relação entre o sujeito e seu corpo, em que “o corpo torna-se então uma espécie de *alter ego* do sujeito, um outro, maleável de acordo com sua vontades”¹⁴.

É possível entender, portanto, que o sujeito tem um papel, uma relação (passível de construção, desconstrução e distorção) com o seu corpo, determinando a possibilidade de se estabelecer uma relação (saudável e afetiva, ou doentia e distorcida, com o corpo ou com suas partes). Opiniões, críticas, juízo de valores e preconceitos são estabelecidas sobre o próprio corpo, ou sobre o corpo do outro, referenciados por modelos (determinados por variáveis sociais) estabelecidos pelo “critério do momento”; é um comportamento consagrado na cultura do homem contemporâneo. “(...) nenhuma região da prática social sai ileso das reivindicações que se desenvolvem na crítica da condição corporal dos atores”^{4,10}.

Quanto ao protagonismo do sujeito em relação à sua saúde, adere-se ao conceito de “empoderamento”, que parte do pressuposto que alguns grupos da sociedade podem fazer exercer sua autonomia, cidadania, responsabilidade e capacidade de gerar e gerenciar com mais

consciência os mecanismos que amplificam a situação de vulnerabilidade e exclusão social.

Em uma sociedade “(...) que faz do corpo um atributo da pessoa, um possuir”⁴, caracterizada pela fragmentação, é justo entender que se pode estabelecer uma relação com o corpo com distorções na sua percepção (consciência corporal). Com o desenvolvimento da consciência corporal, pela experimentação de certos aspectos do desenvolvimento neuropsicomotor (atividade física, dança, teatro, etc.), é possível ressignificar a relação com o corpo, estabelecendo um encontro consigo próprio, pela via corpo¹⁵.

O desenvolvimento da consciência corporal permite desenvolver capacidades e atributos físicos, conhecer limites, melhorar a postura corporal, valorizar a alimentação e o autocuidado¹⁵.

No Brasil, a consciência corporal pode ser desenvolvida em técnicas de práticas corporais que são encontradas no Programa Nacional de Terapias Alternativas e Complementares (PNPAC), do Sistema Único de Saúde (SUS).

Com a consciência corporal, pode-se desenvolver uma percepção íntima e profunda, sem distorções, na relação que o sujeito estabelece consigo, pelo referente corpo. Moreno¹⁶ define essa percepção como “autotele”, que deriva do conceito de “tele”.

O fator tele emerge na criança no momento em que consegue distinguir entre proximidade e distância: “(...) é o motor principal para as escolhas recíprocas, consistindo no reconhecimento real de outras pessoas”¹⁶. Para Bustus¹⁷: “(...) maior será a saúde do sujeito quanto maior for a sua capacidade télica”.

Desenvolver consciência corporal e autotele pode favorecer escolhas e tomadas de decisões mais assertivas e saudáveis na maneira de agir, de entender e de organizar a forma que o sujeito vê e lida com a saúde.

Pela interlocução que a bioética pode proporcionar entre inúmeras áreas do conhecimento que debatem o tema corpo, pode-se facilitar o resgate de uma corporeidade mais própria, mais autônoma, para que o sujeito possa atuar como protagonista do processo de concriação de seus próprios processos biológicos, sociais e culturais: “(...) de um corpo que estava em algum outro lugar, sem identidade, dependente e alienado, e se torna um corpo integrado, conhecido, aceito, em sujeitos mais criativos e espontâneos”¹⁵.

O homem, como nos alerta Jonas¹⁸, filósofo alemão contemporâneo, sente-se, mas não é cindido do meio ambiente, no qual habita e que com ele possui uma

relação de poder, dominação e controle e, por isso, deveria exercer o imperativo ético da responsabilidade. O mesmo pode ser considerado para o homem e seu corpo.

CONCLUSÃO

Para “ser-no-mundo”, o homem contemporâneo precisou criar um referente, um significante, um atributo, uma ficção, um outro, que acabou se tornando signo e produto da ruptura do homem com ele próprio: o seu corpo.

Ele (corpo) é sujeito, pessoa, não só uma máquina biológica, uma coisa, um anexo ou um instrumento do espírito, de forma que não há separação radical e nem escolha unilateral. O homem não é só um corpo dotado de funcionalidade, ou o resultado de um processo de causa e efeito, possui também subjetividade e intencionalidade. O corpo é um fato, mas também é um sentido; um sentido de existir, de ser a inserção do sujeito no mundo.

Para haver liberdade e autonomia nas decisões do que fazer com o próprio corpo, é necessária a consciência dos

valores vigentes e dos mecanismos sociais que permeiam a questão da autoimagem e da autoestima.

Para o aprimoramento ético, é necessário promover a integração da pessoa com o seu corpo, no sentido de estabelecer condições de conscientização sobre a responsabilidade sobre o binômio doença / saúde, entendendo o papel que a pessoa ocupa, na relação consigo e com o outro.

O “empoderamento” sobre a própria saúde, e talvez sobre si, necessita da aproximação, em bases éticas bem fundamentadas, do sujeito em relação ao seu corpo.

Imersa em permanente estado de vulnerabilidade, a existência do homem, entendida como um contínuo movimento de transcendência, depende da consulta e do debate bioético, para que as opções e decisões possam privilegiar o homem em sua totalidade.

À disposição do homem na sociedade existe um farto arsenal teórico e terapêutico cuja proposta é o conhecimento, a integração, o desenvolvimento da consciência, mas o homem quer, de fato, conhecer-se?

REFERÊNCIAS

1. Segre M, Cohen C, organizadores. Bioética. 2a ed. São Paulo: Edusp; 1999. 190 p.
2. Anjos MF. O corpo no espelho da dignidade e da vulnerabilidade. *Mundo Saúde*. 2005 Set;29(3):325-35.
3. Hossne WS. Dos referenciais da bioética – a vulnerabilidade. *Rev Bioethikos*. 2009;3(1):41-51.
4. Le Breton D. A sociologia do corpo. 4a ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 2010. 102 p.
5. Hossne WS. Bioética – Ponto de Vista. *Rev Bioethikos*. 2007;1(2):125-32.
6. Mondin B. O homem, quem é ele? Elementos de antropologia filosófica. 12a ed. São Paulo: Paulinas; 1997. 319 p.
7. Alferes VR. O corpo: regularidades discursivas, representações e patologias. *Rev Crítica Ciên Sociais*. 1987;(23):211-9.
8. Naffah Neto A. Psicodramatizar. São Paulo: Ágora; 1980. 104 p.
9. Wechsler MP. Relações entre afetividade e cognição: de Moreno a Piaget. São Paulo: Annablume & Fapesp; 1998. 111 p.
10. Malysse SRG. Corpolatria. 2009 [acesso 6 Mar 2011]. Revista Trip n. 18. Texto por Ricardo Calil. Disponível em: http://revistatrip.uol.com.br/print.php?cont_id=29934
11. Miranda EE. Corpo território do sagrado. 5a ed. São Paulo: Edições Loyola; 2009. 285 p.
12. Gracia D. Sobre las incertezas metafísicas y religiosas. *Rev Bioethikos*. 2010;4(1):26-37.
13. Freire C. O corpo reflete o seu drama. São Paulo: Ágora; 2000. 122 p.
14. Leitão DK, Le Breton D. L'adieu au corps. Paris: Éditions Métailié; 1999. 239 p. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, 2001 Jul;7(15):281-4.
15. Marques CP. O corpo em relação: o encontro entre psicodrama e fisioterapia [monografia]. São Paulo: PUC-SP; 2002. 108 p. (Especialização em Psicodrama)
16. Moreno JL. Psicodrama. 12a ed. São Paulo: Cultrix; 1997. 492 p.
17. Bustus DM. Psicoterapia psicodramática. São Paulo: Editora Brasiliense; 1979. 194 p.
18. Jonas H. O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; 2006. 353 p.

Recebido em: 02 de julho de 2012.
Versão atualizada em: 27 de julho de 2012.
Aprovado em: 10 de agosto de 2012.